

Capítulo de livro produzido em maio de 2009 a ser incluído em livro organizado por Diógenes

Lima

Propiciamento (*affordance*) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG/FAPEMIG/CNPq)

1. Introdução

Durante muito tempo, acreditou-se que o sucesso da aprendizagem de línguas estrangeiras dependia de um bom método e de um bom professor. Como alertou Prabhu (1990, p.171), “não é fácil identificar a aprendizagem que é fruto do ensino e a que acontece de forma independente¹”. Mas Prabhu, apesar de aludir à possibilidade de aprendizagem independente, tem como foco de sua argumentação o professor. Ele advoga que o professor deve ter um senso de plausibilidade “para promover o máximo de aprendizagem que pode ser promovida por um professor” (p.176). Kumaravadivelu (2003 e 2006) também desmistifica o papel do método e encoraja os professores a teorizarem sobre suas práticas, mas os aprendizes ficam de fora da discussão e o professor parece ser visto como o principal responsável pelo sucesso da aprendizagem.

Outros grupos de pesquisadores privilegiam o aprendiz. Um grupo (HOLEC, 1981; BENSON e Voller, 1997; BENSON, 2001; e PAIVA e BRAGA, 2008) tem investigado a questão da autonomia e busca entender a habilidade que os aprendizes possuem para administrar a própria aprendizagem. Outro grupo (KRAMSCH, 2002; NORTON, 2000; RESENDE, 2009) investiga as questões de poder presentes nas relações entre o aprendiz e o mundo social e a construção da identidade do aprendiz de uma segunda língua. Um terceiro grupo, onde se destacam os pioneiros Larsen-Freeman, (2007), Larsen-Freeman e Cameron (2008) e van Lier (2002, 2008) passam a ver a aprendizagem de línguas à luz do paradigma da complexidade e da ecologia.

A abordagem ecológica não isola os processos sensoriais, cognitivos, afetivos, pois vê todos esses processos de forma interligada nas experiências que o indivíduo vive na sociedade. Nessa perspectiva, um conceito se destaca, o de **propiciamento** (*affordance*) que discutirei na próxima seção.

¹ Essa e as demais traduções são de minha responsabilidade.

2. O conceito de propiciamento (affordance)

O termo *affordance* teve sua origem nos estudos sobre ecologia, área que investiga a relação de um organismo com os demais elementos em um ecossistema. O termo foi cunhado por Gibson (1986) a partir do verbo *afford* que significa produzir, fornecer, dar, causar, proporcionar, conferir, oferecer, propiciar, ter os meios ou recursos para². Segundo o dicionário *The Oxford Dictionary of Etymology*, o termo vem de [gefórðian], no inglês antigo, séc. XV, como junção de [ge-y-+forðian], significando “to further” (avançar, promover, realizar). No séc. XVI, o /ge/ se transformou em /a/ e /ð/ em /d/.

Com esse conceito, Gibson pretendia nomear alguma coisa que se referisse tanto ao ambiente quanto ao animal, implicando a complementaridade entre o animal e o ambiente. Ele exemplifica essa complementaridade com o formato das superfícies terrestres. Dependendo do tipo de superfície, o animal ou o homem tem um tipo diferente de propiciamento: andar em uma trilha na floresta, deitar na grama, nadar no mar, cair em um buraco, etc. Além disso, o homem modifica essa superfície (cortando, limpando, pavimentando) para modificar os propiciamentos. O ser humano está inserido em um nicho, entendido como um conjunto de propiciamentos físicos e psíquicos, mas nem sempre ele tira partido de todas as oportunidades oferecidas pelo ambiente.

Ao transpor esse conceito para a área de aquisição de segunda língua, Van Lier (2000) define o conceito de propiciamento como “demandas e exigências, oportunidades e limitações, rejeições e atrações, habilidade e restrições³ (p. 253)”, isto é “a relação entre as propriedades do ambiente e o aprendiz ativo (p. 257).” Posteriormente, van Lier (2004, p.91) define propiciamento como “aquilo que está disponível para a utilização da pessoa”, ou “algo com potencial para a ação e que emerge quando interagimos com o mundo físico e social. As condições para que o significado emerge são ação, percepção e interpretação em um ciclo contínuo de reforço mútuo”. (p.92)

Van Lier (2004, p.92), apresenta o conceito em uma figura que reproduzo traduzida na figura 1.

² Esses são alguns dos significados registrados no dicionário de inglês-português editado por Antônio Houaiss.

³ Essa e as demais traduções são de minha responsabilidade.

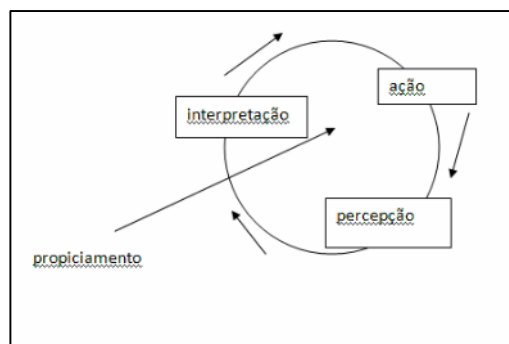


Fig.1 Propiciamento

A leitura dessa figura nos leva a perceber a língua como propiciamento não linear de ações, percepções e interpretações. Usamos a língua para agir no mundo, para perceber e para interpretar as ações sociais da linguagem em nossa volta. No caso da aprendizagem de uma língua estrangeira, entendo que uma forma de propiciamento que tem grande impacto no processo de aquisição é a relação do aprendiz com essa língua, ou seja, como ele percebe essa língua e como usa essa língua. A língua pode ser percebida como instrumento de dominação, como língua de comunicação, como mediadora de tipos de produção cultural, como língua que abre janelas de oportunidades no mundo dos negócios, como língua de pouco prestígio, etc. Lembro-me, por exemplo, de uma reportagem na televisão sobre a banda *Sepultura*, na década de 80, em que o então líder da banda dizia que a tentativa de compor em português ficara uma porcaria, mas que em inglês havia ficado muito melhor. Na visão desse artista, a língua portuguesa não propicia uma boa sonoridade para o rock.

No contexto de aprendizagem de línguas, os propiciamentos não são os mesmos para todos os aprendizes, pois há contextos que favorecem mais oportunidades para a aprendizagem de uma segunda língua do que outros. Um exemplo disso é a distinção que alguns autores fazem entre segunda língua e língua estrangeira. Aprender uma língua como uma segunda língua, ou seja, em um país onde essa língua é falada implica mais propiciamentos do que aprender a língua em um contexto de língua estrangeira, onde, geralmente, há pouco contato com o idioma. Nesses casos, o aprendiz precisa contar com seus próprios propiciamentos: motivação, autonomia, agência, etc. Mesmo em um contexto de língua estrangeira, alguns idiomas oferecem mais propiciamentos do que outros. Aprender inglês no Brasil é muito mais rico em propiciamentos do que aprender mandarim, pois o primeiro, além de utilizar o mesmo alfabeto do português,

está presente em inúmeras produções culturais que bombardeiam os brasileiros no cinema, na imprensa, no rádio, na televisão, e na Internet.

O outro tipo de propiciamento tem a ver com a interpretação do que é uma língua. O fato de até hoje, a língua ainda ser vista por muitos professores como um conjunto de estruturas sintáticas em total divórcio do agenciamento da linguagem impede que o aluno use a língua em práticas sociais da linguagem que sejam significativas para ele. Em outro nível de propiciamento entendido como interpretação, podemos dar como exemplo as próprias práticas sociais da linguagem. Cada contato com os diversos gêneros orais e escritos em situações diversas de comunicação, propiciará interpretações diversas, pois cada aprendiz ou usuário de uma língua se insere no eco-sistema de uma forma diferente, percebendo, interpretando e agindo de forma individual.

Finalmente, o propiciamento também pode ser entendido como ação, o que o falante ou aprendiz faz com os propiciamentos desse idioma, o que ele também propicia em retorno ao ambiente. Alguns exemplos seriam a interação com o outro, o canto coletivo ou individual, as produções escritas (cartas, cartões, e-mails, relatos, artigos, etc.); a leitura de textos diversos que por sua vez propiciam outras ações, como, por exemplo, uma carta ao editor, um agradecimento pelo recebimento de um cartão, a resposta a um e-mail, etc.

Quais seriam os propiciamentos para um aprendiz de inglês no Brasil? Inspirada em Gibson, eu diria que assim como o meio propicia a respiração, locomoção, ele também propicia a percepção auditiva e visual. Ele propicia a língu(agem) e, dependendo de nossa locomoção no espaço físico, mais ou menos ações, percepções e interpretações serão propiciadas pela língua que estamos aprendendo, quer seja pela interação oral ou escrita com outros falantes, quer seja pela mediação de artefatos culturais que utilizam essa língua. Dependendo do local onde o aprendiz esteja inserido – um grande centro urbano ou um vilarejo sem energia elétrica – mais ou menos contato ele terá com falantes dessa língua e com os objetos que mediam o seu contato com a língua: falantes nativos ou não, professor proficiente ou não, outros aprendizes, familiares, rádio, TV, cinema, computador, gravador, *ipod*, celular, cd, dvd, jornais, revistas, e livros.

Uma análise das narrativas de aprendizagem de línguas estrangeiras do projeto AMFALE⁴ demonstra que a sala de aula na visão dos aprendizes, geralmente, não oferece os propiciamentos necessários para a aquisição de uma outra língua, mas esses alunos suprem as lacunas, buscando propiciamentos no ambiente externo à escola. O que os alunos encontram em muitas salas de aula são amostras fragmentadas do idioma, frequentemente artificiais, que não propiciam ações comunicativas, mas ações mecânicas desprovidas de sentido. Em vista disso, os aprendizes vão em busca de propiciamentos que lhes estimulem a agir, seja pela interação com outros falantes, seja pela emoção estética, seja pela ludicidade, ou pela busca de informação.

Para van Lier (2004, p.2), “na aprendizagem de línguas, os propiciamentos surgem da participação e do uso e as oportunidades de aprendizagem surgem como consequência da participação e do uso.

Para entender melhor o conceito de propiciamento, apresento uma análise de um caso relatado em uma narrativa de aprendizagem coletada na Bahia por Diógenes Lima, organizador deste livro.

3. Análise de um caso

Minha Experiência com a língua inglesa.

Sempre me chamou muito a atenção as diferentes formas de se comunicar que nós seres humanos, utilizamos. Inicialmente, quando eu era ainda criança, e como toda criança normal, principalmente brasileira, eu era aficionado por futebol, nem tanto hoje, mas em minha adolescência esse esporte estava muito presente. Encantava-me as bandeiras de outros países e me chamava muito a atenção o fato dos jogadores de seus respectivos países não compartilharem a mesma língua. Acompanhava tudo sobre esse esporte. Nesse mesmo período, eu, com uns 17 anos na época, comecei a colecionar revistas em quadrinhos. Aquele mundo fictício de super-heróis era outra área muito presente no meu cotidiano, e o fato de essas edições terem origem americana influenciou bastante para que visse o inglês como algo cada vez mais presente no meu dia-a-dia. Como essas publicações originavam-se nos EUA, logo os personagens possuíam seus nomes

⁴ O projeto AMFALE (Aprendendo com Falantes e Aprendizes de Línguas Estrangeiras) reúne narrativas de aprendizagem de diversas línguas estrangeiras e pode ser consultado na Internet, no endereço <http://www.veramenezes.com/amfale.htm>. O corpus de narrativas de aprendizes de inglês reúne histórias de aprendizes no Brasil, Japão, Hong Kong e Finlândia.

em inglês e no decorrer da leitura eu sempre me deparava com uma situação ou outra em que a língua inglesa entrava em cena. Essa, talvez, tenha sido o meu primeiro contato com a língua inglesa, um contato mais direto, porque, obviamente eu já ouvia a língua através de músicas e filmes, mas não havia me interessado por essa parte até então. Certa vez eu estava na banca de revista quando me deparei com um fascículo de uma coleção que se dispunha a ensinar inglês. Essa edição normalmente vinha com uma fita k7. Comprei essa edição, li, inicialmente não entendi quase nada. Ainda era muito obscuro pra mim a gramática da língua. Por esse motivo, eu não me interessei por um tempo na gramática e me preocupei mais em ir adquirindo vocabulário. Mais tarde, voltei a pegar esse mesmo fascículo e comecei a dar uma melhor atenção a ele. As coisas melhoraram um pouco, mas ainda havia coisas que eu não entendia. Prossegui estudando, de qualquer forma, as demais lições. Logo adquiri a seqüência dessa coleção e me dediquei a estudar. Com o avanço de meus estudos eu comecei a praticar meu inglês através de músicas, foi quando comecei a aprender a tocar violão e isso me ajudou muito no meu desenvolvimento. Quando se está aprendendo, qualquer que seja a disciplina, e se está obtendo resultados, sempre procuramos nos dedicar mais e mais. Mas, o mais interessante é que não aprendemos nada se o nosso estudo for uma coisa forçada ou obrigatória. As coisas devem acontecer naturalmente, se buscamos nos dedicar àquilo que nos interessa, em pouco tempo estaremos tão envolvidos nisso que quando menos esperamos as coisas simplesmente acontecem. Assim, continuei meus estudos através desses manuais e, à medida que ia avançado, eu procurei adquirir outros e sempre usando diferentes formas de complementar meus estudos. Mais tarde fiz um curso de inglês, mas somente porque eu queria a garantia de um certificado, e porque eu queria estar em contato com pessoas que também desfrutavam do prazer de se estudar uma segunda língua. Fiz muitas amizades e troquei varias informações. Hoje faço Letras Modernas na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) e estou buscando meu nível superior nessa área. Minha pretensão é, mais tarde, praticar meu inglês no exterior.

Narrar uma experiência de aprendizagem de língua estrangeira é necessariamente discorrer sobre propiciamentos. Nosso narrador começa sua história mostrando sua primeira percepção da língua como um instrumento de comunicação. O futebol contribuiu para que ele tivesse a consciência de que os países possuem línguas diferentes e, assim, ele percebeu as diferentes formas de comunicação disponíveis ao homem. Inserido em um país com forte influência americana, esse aprendiz começou a colecionar revistas em quadrinhos. Aquele mundo fictício de super-heróis, como nomes em inglês, era outra área muito presente no seu cotidiano. O inglês se fazia presente no

seu dia a dia nos nomes próprios e em outras palavras encontradas nas histórias em quadrinho, nas letras de música e nos filmes.

O conceito de propiciamento implica a ideia de convite e demanda (GIBSON, 1986, p. 138). Assim como a visão do alimento faz um convite ao ato de alimentar, a exposição a uma língua convida o ouvinte a aprendê-la, mesmo que o ouvinte possa ou não perceber ou atender a esse propiciamento.

Essa exposição ao idioma propiciou ao nosso narrador o despertar da motivação para aprender a língua e quando percebeu no ambiente a existência de um curso em fascículos, esse aprendiz se vale de sua autonomia e passa a ação de aprender a língua sozinho, superando, provavelmente outras limitações do ambiente que restringiam as oportunidades de aprendizagem no universo escolar. Essas limitações podem ter sido tanto de natureza curricular (a escola não oferecia inglês em sua grade curricular) ou de outra natureza que o impedira de se inscrever em um curso de idiomas.

É interessante observar que, nas primeiras experiências com o material didático, a gramática não despertou o interesse desse aprendiz. O apelo veio do vocabulário. Isso nos remete a Gibson (1986, p.138-134) que afirma que “[O] propiciamento de algo *não muda* à medida que muda o observador. O observador pode ou não perceber ou prestar atenção ao propiciamento, de acordo com suas necessidades, mas o propiciamento, sendo invariante, está sempre lá para ser percebido”. Tanto isso é verdade que o narrador revela que deu atenção à gramática em outro momento da aprendizagem. Mas o ambiente lhe oferecia outros propiciamentos, dentre eles a música e ele uniu a aprendizagem do violão ao conhecimento adquirido do inglês para usar a língua, cantando.

Nosso narrador, ao dizer que “as coisas devem acontecer naturalmente” tem a percepção de que o ideal é deixar que um aprendiz perceba os propiciamentos sem que o estudo se dê de forma forçada ou obrigatória. Isso vai ao encontro das implicações trazidas por Ziglari (2008, p. 378) para suas reflexões sobre propiciamento e aquisição de segunda língua. Segundo a autora, “é melhor para o professor expor os alunos a um cenário natural real de forma que eles possam perceber o mundo de uma forma muito melhor e assim aumentar seu conhecimento de mundo”.

Essa narrativa diferencia-se das demais narrativas do projeto AMFALE por não fazer nenhuma referência ao ambiente escolar do ensino básico. É interessante observar que, ao contrário do que se podia esperar, sua percepção de um curso de inglês não é o de um local para aprender a língua (isso ele fez em interação com o que encontrou no

ambiente fora da escola), mas o de lugar de certificação e de contato com pessoas com o mesmo gosto pela língua com quem fez amizade e “trocou várias informações”.

Van Lier (2008, p. 598) chamam nossa atenção para o fato de que a noção de propiciamento liga a percepção à ação. Eles explicam que

[E]nquanto em atividade no ambiente de aprendizagem, o aprendiz detecta propriedades no ambiente que lhe fornecem oportunidades para ações futuras e, conseqüentemente, para a aprendizagem. Os propiciamentos são descobertos por meio da aprendizagem perceptiva e o uso efetivo dos propiciamentos devem também ser aprendidos. Perceber e fazer uso dos propiciamentos constituem os primeiros passos para o caminho em direção à produção de sentido.

Assim faz nosso narrador, ele percebe o que o ambiente lhe propicia, ele executa ações e com isso aprende. Em termos de aprendizagem de inglês, ele demonstra perceber que para aprender mais, precisa sair de seu ecossistema em cuja ecologia não há muitos propiciamentos de uso da língua e se inserir em outro ecossistema, onde o inglês media as práticas sociais da linguagem, propiciando a prática. É na natureza dialógica da linguagem que o aprendiz encontra os propiciamentos adequados e não no sistema abstrato de regras.

Como ressaltam van Lier (2008, p. 599)

A natureza dialógica de toda língua e do uso da linguagem têm profundas implicações para a aprendizagem de línguas. Imediatamente muda-se a língua entendida como um *produto*, um sistema estático que pode ser descrito em termos de sua estrutura e componentes internos (estruturalismo), para uma visão de *processo* de criação, compartilhamento e troca de significados através de falantes, tempo, e espaço.

É importante dizer, como indicado acima, que a língua não atua sozinha nesse processo de produção de sentido. O mundo ao seu redor executa também um papel constitutivo, incluindo o mundo físico dos objetos e relações espaço-temporais, o mundo social de outras construções de sentido e pessoas compartilhadoras de sentidos, o mundo simbólico dos pensamentos, sentimentos, práticas culturais, valores, etc. em resumo, o todo complexo de recursos mente-corpo-mundo envolvidos em qualquer ação comunicativa.

4. Comentários finais

O narrador que constituiu nosso estudo de caso é um exemplo pouco comum nas histórias de aprendizagem do corpus do projeto AMFALE, pois ele exibe um alto grau

de autonomia. No entanto, essa narrativa tem algo em comum com as histórias de aprendizes bem sucedidos: a capacidade de percepção de propiciamentos e de ação. A maioria desses narradores percebe que o ensino de idiomas baseado unicamente na forma não propicia oportunidades suficientes de ação, de práticas sociais da linguagem, essencial para que um idioma seja adquirido. Esses narradores vão, então, em busca de propiciamentos no ambiente e conseguem incrementar sua aprendizagem.

Essas narrativas reforçam a percepção de que não existe um método ideal e que a aprendizagem não é o resultado de ações pedagógicas apenas. Elas nos indicam que se queremos ajudar alguém a aprender uma língua, devemos auxiliar os aprendizes a perceber propiciamentos fora da sala de aula, pois a escola sozinha não reúne todos os propiciamentos necessários para a aquisição de uma língua.

5. Referências

- BENSON, P ; VOLLER, P. (Eds.). *Autonomy & Independence in language learning*. London and New York: Longman 1997.
- BENSON, P. 2001. *Teaching and researching autonomy in language learning*. Harlow, England: Longman, 2001.
- LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.
- LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GIBSON, J.J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1986.
- HOLEC, H. *Autonomy and Foreign Language Learning*. Oxford: Pergamon. 1981
- KRAMSCH, C (Ed.). *Language acquisition and language socialization – ecological perspectives*. London, New York: Continuum, 2002
- KUMARAVADIVELU, B. *Understanding Language Teaching: from method to Postmethod*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2006.
- NORTON, B. (2000). *Identity and language learning: gender, ethnicity, and educational Change*. Harlow, UK: Longman/Pearson Education.
- PAIVA, V.L.M.O.; BRAGA, J.C.F. The complex nature of autonomy. *Revista D.E.L.T.A.*, v 24. , n. especial p. 441 -468, 2008

PRABHU, N.S. There Is No Best Method-Why? *TESOL Quarterly*, v. 24, n. 2. p. 161-176, 1990.

RESENDE, L. A. S. *Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do Caos e dos Sistemas Complexos*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2009.

van LIER, L. From input to affordance: Social-interactive learning from an ecological perspective. In: LANTOLF, J. (Ed.) *Sociocultural theory and second language learning*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. Ecological-semiotic perspectives on Educational Linguistics. In

SPOLSKY, B; HULT, F.M. (Eds.). *The handbook of Educational Linguistics*. Malden, MA, USA; Oxford, UK; Victoria, Australia: Blackwell, 2008. p. 596-605.

ZIGLARI, L. Affordance and second language acquisition. *European Journal of Scientific Research*. v.23, n.3. p.373-379, 2008.